

O que é filosofia?*

James Cornman e Keith Lehrer

Tradução de Marcelo Fischborn^o

No tocante a assuntos acadêmicos, tanto nas ciências como nas humanidades, é, em geral, verdadeiro que o modo mais satisfatório de descobrir do que ele trata é adentrar no estudo das questões e problemas característicos da área. Descrições gerais de uma área são frequentemente tão abstratas a ponto de não serem informativas, ou ainda muito idiossincráticas, a ponto de serem enganosas. Apesar disso, vale a pena tentar alguma caracterização da filosofia, ainda que histórica, para que você tenha um melhor entendimento da natureza da investigação filosófica. Uma das principais razões para proceder assim, é explicar o papel principal da disputa e da argumentação no estudo de problemas filosóficos. Para isso, iremos, sem pretender oferecer uma definição precisa, apresentar algumas informações sobre a filosofia como uma disciplina, a fim de oferecer uma orientação geral a respeito da área que você está prestes a estudar.

Primeiramente, algumas palavras sobre o desenvolvimento histórico da filosofia como uma área. Não muito tempo atrás, todos os assuntos eram considerados parte da filosofia. *Filosofia da matéria* abarcava o que nós hoje entendemos por física e química, *filosofia da mente* englobava o assunto de psicologia e áreas adjacentes. De modo breve, a filosofia era inicialmente algo tão amplo, a ponto de cobrir qualquer área de investigação teórica. Qualquer assunto, para o qual pudesse ser apresentada uma teoria geral explicando seu conteúdo, teria sido uma ramificação da filosofia. Entretanto, uma vez que a área de estudo alcançasse o ponto onde uma teoria principal dominasse e, com ela, desenvolvessem-se métodos padronizados de crítica e confirmação, daí em diante a área estaria separada da nação-mãe da filosofia e se tornaria independente.

* CORNMAN, James e LEHRER, Keith – *Philosophical Problems and Arguments – An introduction*, Second Edition, Macmillan Publishing: New York, 1974, trecho do primeiro capítulo. A presente tradução pode ser redistribuída, desde que mantenha as notas de rodapé e sem fins comerciais. Divulgada originalmente em <http://fischborn.wordpress.com>.

^o Acadêmico do curso de graduação em Filosofia – Licenciatura Plena da Universidade Federal de Santa Maria.

Outrora, por exemplo, os filósofos avançaram uma variedade de teorias para explicar a natureza da matéria. Alguém sugeriu que tudo era feito de água; outro, um tanto próximo das concepções atuais, propôs que a matéria era composta de minúsculos, homogêneos e indivisíveis átomos. Uma vez que certas teorias da matéria, bem como métodos experimentais para testá-las, tornaram-se devidamente estáveis na comunidade de sábios, a filosofia da matéria transformou-se nas ciências da física e da química. Um outro exemplo de problema filosófico que foi convertido em problema científico é o problema da natureza da vida. Houve um tempo em que foi conjecturado que a vida era uma entidade espiritual, que entrava no corpo no nascimento e saía com a morte, e, em outro, que era ela uma força vital especial que ativava o corpo. Atualmente, a natureza da vida é explicada em termos bioquímicos.

Assim, é uma peculiaridade da filosofia que, uma vez que a argumentação e disputa nos tenham levado a uma teoria com uma metodologia adequada, cobrindo com sucesso uma questão filosófica, teoria e metodologia tornam-se separadas da filosofia e são consideradas parte de uma outra disciplina. Certos assuntos estão atualmente em transição. Um exemplo disso é a área da linguística e, dentro dela em particular, a semântica. Filósofos têm articulado uma variedade de teorias para explicar como palavras podem ter significado e o que constitui este significado. Foram dadas explicações em termos de imagens, ideias e outros fenômenos psicológicos. Atualmente, filósofos e linguistas explicam significado em termos da função das palavras no discurso e das características semânticas subjacentes, que desempenham na semântica um papel similar ao que é desempenhado pelas partículas atômicas na física. Nessa área não há uma distinção precisa entre um filósofo e um linguista. Ambos aplicam métodos de análise gramatical e semântica, recentemente desenvolvidos, para articular leis e teorias, explicando assim a estrutura e conteúdo da linguagem. É característico de uma área em transição que a questão sobre se um investigador é um filósofo ou um cientista torna-se discutível. Em filosofia, o sucesso do desenvolvimento de uma área frequentemente leva à independência e autonomia da parte desenvolvida. É por essa razão que qualquer especificação da filosofia em termos de assuntos é suscetível de ser tanto controversa hoje, como

desatualizada amanhã.

Apesar de tudo, as considerações precedentes explicam uma característica relativamente constante da filosofia, a saber, o estado de arte indeterminado. As questões estudadas em filosofia são abordadas através de métodos dialéticos de argumento e contra-argumento. E um estudante pode às vezes sentir que, depois de longa e árdua investigação, nada foi determinado. Esta impressão é parcialmente devida ao fato de que, em qualquer época, a filosofia sempre se encontrará lidando com certo tipo de problemas intelectuais: estes são aqueles problemas ainda não articulados de modo tal que uma única teoria e metodologia capaz de resolvê-los lhes tenha sido fixada. Onde o intelecto humano está lutando com algum problema intelectual complexo e não há modelo e abordagem experimental estáveis para o assunto, pode-se esperar encontrar tal problema no domínio da filosofia. Uma vez que a investigação intelectual tenha levado à articulação de uma teoria padrão, juntamente com um acordo sobre um método de investigação experimental, então, muito provavelmente, o problema não mais será considerado parte da filosofia. De fato, ele será atribuído a alguma disciplina independente. Assim, a filosofia, devido ao seu próprio sucesso, perde um de seus assuntos.

Contudo, a caracterização precedente não deve levar você a pensar que *todos* os problemas filosóficos são potencialmente exportáveis por meio de procedimentos bem-sucedidos. Algumas questões e problemas resistem a uma tal exportação em virtude de seu próprio caráter geral e fundamental. Em todos os campos de investigação, por exemplo, homens buscam conhecimento. Mas é na filosofia que alguém pergunta o que é o conhecimento e se há, de fato, uma tal coisa. Estas questões pertencem ao ramo da filosofia chamado epistemologia. Em algumas áreas, economia e política, por exemplo, homens estudam as consequências causais de várias ações e políticas. Em filosofia, pergunta-se quais características gerais fazem de ações e políticas certas ou erradas. Estas questões pertencem à *ética*. Novamente, críticos, escritores, compositores e artistas perguntam se um dado objeto é uma obra de arte. Filósofos estão preocupados com a questão mais geral de o que faz com que alguma coisa seja uma obra de arte. Estas são questões de *estética*. Outras questões, sobre o caráter da liberdade, da mente e de Deus, parecem ser

permanentemente assuntos da filosofia, porque são questões tanto muito básicas quanto muito gerais.

Além do mais, o tratamento bem-sucedido de um problema em uma área pode gerar problemas completamente novos. Por exemplo, a explicação de fenômenos físicos em termos de teorias e leis levanta a questão sobre se o movimento dos corpos humanos, que são parte do universo físico, se dá de uma forma puramente mecânica, a ponto de fazer não passar de uma mera aparência a nossa impressão de que somos agentes livres, determinando nosso próprio destino por deliberação e decisão. De modo similar, o sucesso da neurofisiologia ao explicar nosso comportamento levanta a questão sobre se pensamentos e sentimentos são algo mais do que processos físicos. Nós não temos maneira de responder estas questões apelando diretamente a experimentos ou a uma teoria firmemente estabelecida. De fato, temos que repousar sobre os métodos da investigação filosófica – o exame cuidadoso de argumentos oferecidos em defesa de posições divergentes e a análise de termos importantes ali contidos.

Não precisamos ter medo de morrer de fome em filosofia. A única limitação para os assuntos da filosofia é a capacidade da mente humana de elaborar novas questões de modo original e reformular as velhas. Desse modo, conteúdos adicionais são fornecidos para a área onde são bem-vindos todos aqueles órfãos intelectuais rejeitados por outras disciplinas, devido a sua dificuldade e complexidade. A filosofia é a morada daqueles problemas intelectuais que outras áreas não podem cobrir. Consequentemente, ela é abastecida com a estimulação intelectual da disputa e controvérsia, situando-se nos limites da investigação racional.

Cinco problemas filosóficos

Após uma introdução à metodologia da argumentação, nós seguiremos a um exame de cinco problemas filosóficos. Esses problemas foram preocupação dos filósofos no passado e estão no núcleo da controvérsia filosófica atual. Assim, os capítulos subsequentes fornecerão exemplos paradigmáticos de questões e argumentos filosóficos. Um estudo cuidadoso destes capítulos

recompensará você com uma concepção clara da investigação filosófica atual.

O primeiro problema que confrontaremos é o problema sobre conhecimento e ceticismo. Basicamente, consideraremos se as pretensões de conhecimento que os homens tomam por garantidas são, de fato, justificadas. Por exemplo, muitos homens supõem que seus sentidos servem como fonte de conhecimento, que olhando, tocando, e assim por diante, eles sabem da existência de qualquer número de objetos familiares. Mas alguns filósofos duvidaram que nossos sentidos podem ser a fonte de tal informação, e eles têm defendido convincentemente a conclusão de que nós não temos conhecimento de tais assuntos. Assim, o problema inicial com que nos defrontaremos é investigar os méritos do ceticismo.

É apropriado e útil iniciar nosso estudo da filosofia considerando o problema do conhecimento, porque este assunto está entrelaçado com todos os outros. Nós estaremos perguntando constantemente se alguma crença é justificada, não importa qual questão estejamos enfrentando, e, ao considerar o problema do conhecimento e ceticismo, obteremos um melhor entendimento de como uma crença pode ser justificada ou se mostrar injustificada.

Em segundo lugar, consideraremos o problema da liberdade e determinismo. Nós usualmente supomos que nossas ações, ao menos agora e na sequência, são livres. Isso remonta a acreditar que nós temos alternativas genuínas entre as quais escolher, e que, seja lá o que tenhamos escolhido, nós simplesmente poderíamos ter escolhido e agido de modo completamente diferente. Apesar disso, nós também supomos que existem causas para todos os acontecimentos, incluindo nossas próprias escolhas e ações. A dificuldade é que esta crença universal na causalidade parece totalmente inconsistente com a crença de que agimos livremente, pois a primeira tem a consequência de que todas as nossas ações são resultados inevitáveis do processo causal. O problema é determinar se estamos justificados antes em uma do que em outra dessas crenças.

O terceiro problema está intimamente ligado ao segundo. É o problema a respeito do mental e o físico. Pessoas diferem de coisas inanimadas por ter pensamentos, sensações e emoções, os quais são fenômenos caracteristicamente mentais. É razoável admirar de que forma precisamente

estes estados mentais estão relacionados com certos processos físicos que ocorrem em nossos corpos como, por exemplo, os processos neurais que ocorrem no cérebro. Alguns defendem que há uma conexão causal entre nossos pensamentos e o que acontece dentro de nossas cabeças. Não obstante, filósofos têm apresentado argumentos para o contrário e, conseqüentemente, têm defendido uma teoria alternativa sobre a relação entre o físico e o mental. Por exemplo, alguns filósofos têm defendido a tese de que pensamentos simplesmente *são* estados mentais e, portanto, que o mental é idêntico a algum aspecto ou parte do físico, e não algo *causalmente* conectado a ele. O problema é decidir qual dessas conflitantes teorias é justificada.

Em seguida, nós discutiremos o problema de justificar a crença na existência de Deus. Este problema dispensa muitos comentários. A maioria das pessoas, quer teístas, ateus ou agnósticos, deve, em algum momento, espantar-se sobre se há algum modo de justificar racionalmente a crença na existência de um ser supremo. Nós estudaremos detalhadamente os argumentos relevantes que têm sido oferecidos por filósofos e teólogos.

Por fim, nos voltaremos para o campo da ética e, aqui, atentaremos para a questão sobre como um homem pode justificar seus juízos éticos concernentes ao que é certo e errado. Nós tentaremos encontrar alguma regra ou padrão moral, em termos dos quais possamos julgar racionalmente os méritos de vários cursos de ação. A procura procederá por uma consideração dos argumentos que têm sido oferecidos, tanto a favor como contra, vários e conflitantes padrões éticos propostos pelos filósofos.

Os métodos da filosofia

Depois de discutir os problemas recém esboçados, é essencial considerar os métodos e técnicas da filosofia. Algumas vezes é dito que a filosofia é uma disciplina dialética. Isto significa que ela se dá por um processo de argumentação e contra-argumentação. Certamente, todas as disciplinas dependem de argumentos em alguma medida, mas na filosofia o raciocínio lógico desempenha um papel especialmente proeminente. A explicação disso é

que a filosofia esforça-se para responder aquelas questões fundamentais, para as quais é difícil encontrar quaisquer fatos empíricos que as resolvam. Quando duas pessoas discordam sobre algum assunto filosófico, o único caminho de progresso que se lhes abre é considerar e avaliar os argumentos e objeções em ambos os lados. Portanto, a investigação filosófica deve ser crítica e lógica para que algum ganho resulte. Para facilitar tal investigação, precisamos aprender a formular questionamentos críticos sobre os argumentos que encontramos, e a examinar as respostas com sagacidade lógica. Essas são questões de lógica e semântica. Nós apresentaremos uma breve introdução sobre lógica e semântica, com vistas a abordar os problemas em disputa na filosofia portando aquelas habilidades lógicas que são os requisitos para uma investigação inteligente e rigorosa.